

A UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO E AS PRÁTICAS INSTITUÍDAS SOBRE A EDUCAÇÃO (1957-1961)

Kelma Fabíola Beltrão de Souza¹

RESUMO

Alguns anos antes da instituição do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife, digo 1957 a 1961, algumas práticas discursivas já estavam instituídas nos debates sobre a Educação nas Faculdades de Filosofia do Recife e na Escola de Belas Artes. Neste estudo, com o intuito de mostrar estas práticas discursivas, apresento um cenário universitário recifense articulado ao cenário nacional no qual professores, monsenhores, padres, reverendos, instrutores, diretores e alunos elaboram ensaios e poesias, proferem discursos, participam de concursos, fazem pesquisas e estudos que são publicados na Revista Doxa (Revista oficial do departamento de cultura do diretório acadêmico) e na Revista da Escola de Belas Artes (Da Faculdade de Belas Artes). Uma das consolidações destas práticas ocorre no concurso para Cátedra de História e Filosofia da Educação da Escola de Belas Artes disputada entre os professores Maria do Carmo Tavares de Miranda e Paulo Reglus Neves Freire. Conclui-se que as práticas instituídas na área de educação da Universidade do Recife nestes anos tratam-se, dentre outras coi-

¹ Doutoranda do núcleo Teoria e História da Educação do programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. Professora da Faculdade Metropolitana e da Prefeitura do Recife. Graduada em Comunicação Social e História pela UNICAP, Especialista em História de Pernambuco pela UFPE. Mestra em Comunicação pela UFRPE.

sas, de debates travados entre uma educação confessional e uma educação sociológica e científica, laica, republicana.

Palavras-chave: História da educação. Educação confessional. Educação laica.

RESUMEN

Algunos años antes del establecimiento del Departamento de Extensión Comunitaria de la Universidad de Recife, por ejemplo 1957 a 1961, algunas de las prácticas discursivas ya se habían establecido en los debates sobre la educación en las Facultades de Filosofía de Recife y de la Escuela de Bellas Artes. En este estudio, a fin de mostrar estas prácticas discursivas, presento una universidad de Recife articulado de la escena nacional en el que los maestros, monseñores, sacerdotes, reverendos, maestros, directores y estudiantes de ensayos elaborados y la poesía, discursos y exaltadas, participar en concursos, no las encuestas y los estudios que se publican en la revista Doga (Diario Oficial de la Concejalía de Cultura del sindicato de estudiantes) y la Revista de la Escuela de Bellas Artes (la Escuela de Bellas Artes). La consolidación de estas prácticas tiene lugar en el concurso para la Cátedra de Historia y Filosofía de la Facultad de Educación de Bellas Artes disputado entre los profesores Maria do Carmo Tavares de Miranda y Paulo Reglus Neves Freire. Se concluye que las prácticas instituidas en la educación en la Universidad de Recife en los últimos años, estos son, entre otras cosas, un debate de educación entre la educación religiosa y sociológica y científica, laica y republicana.

Palabras clave: Historia de la educación. La enseñanza confesional. De educación laica

INTRODUÇÃO

Desde o Manifesto dos Pioneiros, em 1932, expõe-se a necessidade de uma educação laica, isenta de “qualquer crença e disputas religiosas”, na qual o espaço escolar não fosse utilizado como meio de “propaganda de seitas e doutrina” (MANIFESTO DOS PIONEIROS, 1932, p. 45).

Sobre esta “autonomia dos serviços da educação” Anísio Teixeira (2007a, p. 55) também dizia:

Habitualmente o poder de educar se transfere da Igreja para o Estado, logo que se separa daquela, marcada essa transferência tanto mais nitidamente quanto mais se afirma a separação. A França é um exemplo sempre citado

para ilustração dessa mudança. Como a França, todos os demais países latinos, assim que se operam neles transformações políticas similares.

Porém, desenvolver uma educação brasileira baseada nestes princípios significa instituir uma Educação Republicana, ou seja, laica, universal e gratuita. De certa forma estes princípios almejados pelos pioneiros representam redirecionar as práticas de uma educação confessional existente no Brasil.

Em 1958, no Distrito Federal, Rio de Janeiro, quando Anísio Teixeira ocupava o cargo no Ministério da Educação de diretor do INEP e diretor da CAPES, responsável pelos Centros de Pesquisas Educacionais pelo Brasil, há fatos que mostram interesses contrários à educação laica, sob a responsabilidade do Estado. O *Memorial dos Bispos Gaúchos*, por exemplo, documento entregue ao presidente da República, pede o afastamento de Anísio Teixeira do Ministério da Educação (CORREIO DO POVO, 1958). Este memorial diz que “a filosofia” da educação adotada por Anísio “é a de um insanável materialismo, absolutamente incompatível com a concepção cristã de vida”. Uma das manifestações contrárias ao memorial e de apoio a Anísio Teixeira foi o *Manifesto dos Educadores, mais uma vez convocados* (1959). Neste manifesto, quando os signatários ‘falam’ da “escola pública em acusação”, dizem tratar-se de uma luta entre ensino confessional e leigo:

A luta que se abriu, em nosso país, entre os partidários da escola pública e os da escola particular, é, no fundo, a mesma que se travou e recrudescer ora nesse, ora naquele país, entre a escola religiosa (ou o ensino confessional), de um lado, e a escola leiga (ou o ensino leigo), de outro lado. Esse, o aspecto religioso que temos o intuito de apenas apontar como um fato histórico que está nas origens da questão [...]. Ela disfarça-se com frequência, quando não se apresenta abertamente, sob o aspecto de conflito entre a escola livre (digamos, francamente, a educação confessional) e a escola pública ou, para sermos mais claros, o ensino leigo [...] (MANIFESTO DOS EDUCADORES, 1959, p.78-79).

É esta uma das discussões instituídas nas práticas discursivas das conferências, cursos, palestras, estudos, pesquisas, teses de concurso, discursos da Universidade do Recife, no que se refere à educação nos anos que antecedem a institucionalização do Serviço de Extensão Cultural (SEC), ou melhor, entre os anos 1957-1961. Professores, monsenhores, padres, reverendos, instrutores, diretores e alunos indicam nos acontecimentos que participam os debates de uma educação confessional e uma educação laica.

Estes acontecimentos estão presentes na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Pernambuco, vinculados a “Seção de Pedagogia”² (SUCUPIRA, 1969) e na Escola de Belas Artes, já que existiam duas “cadeiras” específicas: “História e Filosofia da Educação” e “Psicologia aplicada à Educação”. (REVISTA DA ESCOLA DE BELAS ARTES, 1961)

Assim, nosso objetivo neste estudo é tratar desta disputa na educação, presentes nas práticas discursivas da Universidade do Recife. Para isso, entendemos que o ‘mundo’ está constituído pela linguagem, na qual a relação entre as “palavras e seu uso” é significado para história, na qual os conceitos são históricos, esmaecem, alteram, enfraquecem, ganham outros contornos, devendo ser estudados e compreendidos levando em consideração a época e seus limites (KOSELLECK, 2006). Questionamos assim também a verdade, pois ela não é absoluta (FOUCAULT, 2009b).

Dessa forma, ao tentar analisar o sentido das práticas desenvolvidas na área educacional na Universidade do Recife nos anos 1957-1961, buscamos compreender o discurso enquanto prática, num esforço de tentar captar o estar, o que é dito e o que é feito; numa dimensão institucional “lugar de emergência dos conceitos” (FOUCAULT, 2009b, p. 68), admitindo o que Foucault chama de “formações discursivas”, colocando de lado:

[...] as unidades tradicionais do livro e da obra; que se deixe de tomar como princípio de unidades as leis de construção do discurso (com a organização formal que daí resulta), ou a situação do sujeito falante (com o contexto e o núcleo psicológico que a caracterizam); que não mais se relacione o discurso ao solo inicial de uma experiência nem a instância a priori de um conhecimento; mas que nele mesmo o interroguemos sobre as regras de sua formação (FOUCAULT, 2009b, p. 89).

Os documentos que escolhemos foram as Revista Doxa, a Revista da Escola de Belas Artes, as teses de concurso dos professores Maria do Carmo Tavares Miranda e Paulo Reglus Neves Freire. Significamos também o “próprio tecido documental” que foi o lugar de pesquisa, mas também de buscas para compreender o sentido da educação na Universidade do Recife entre os anos 1957-1961:

2 Segundo Newton Sucupira, das diferentes áreas de saber presentes na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras existia a Seção de Pedagogia. Só em 1966 esta Faculdade transformou-se em Faculdade de Educação através dos decretos leis nº53(nov./1966) e nº 252 (fev./1967). Ver em SUCUPIRA, Newton. Da Faculdade de Filosofia à Faculdade de Educação. Recife/Universidade Federal do Recife. Estudos Universitários, Abr./jun. 1969, P.5-30. As discussões trazidas pela Doxa (temas discutidos, funções dos autores, público destinado, estudos citados) evidenciam uma ‘área’ de Pedagogia na Faculdade de Filosofia.

O documento, pois, não é mais para história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, descreve relações. (FOUCAULT, 2009b, p. 7)

Para o desenvolvimento deste estudo, dividimos o mesmo em três partes. A princípio, apresentamos as práticas instituídas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Recife publicadas na revista oficial do departamento de cultura do diretório acadêmico: a Doxa.

Na próxima parte, indicamos que os acontecimentos na área de educação, também vão estar presentes no concurso para Cátedra de História e Filosofia da Educação para o curso de “professorado de desenho”, ocupado por professor “interino”³ (REVISTA DA ESCOLA DE BELAS ARTES, 1959). As “teses de concurso” apresentadas pelos professores Maria do Carmo Tavares de Miranda e Paulo Reglus Neves Freire refletem os debates travados nacionalmente e localmente sobre uma educação laica e confessional. Mesmo os candidatos não explicitando suas posturas diante assunto especificamente, as suas opções instituídas nas “teses de concurso” indicam o que representam (MIRANDA, 1965; FREIRE, 2003).

A última parte deste estudo é dedicada às nossas considerações finais, em seguida é apresentada a lista dos livros e documentos consultados.

A FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DO RECIFE. ENTRE UMA EDUCAÇÃO RELIGIOSA E CIENTÍFICA.

Desde julho de 1957, o nº 4 da revista oficial do departamento de cultura do diretório acadêmico já havia sido publicado.

A professora Maria do Socorro J. Emerenciano escreveu: *Considerações sobre disciplina escolar* e Frederico Rocha, o “ensaio”: *Uma observação da Pedagogia*. A professora Maria do Socorro não tem como prática indicar as suas fontes, mas traz enfáticas explicações sobre a disciplina escolar no “Sistema

3 Desde 1957 a Escola de Belas Artes de Pernambuco publicava os acontecimentos que estavam em torno dos seus cursos na Revista da Escola de Belas Artes: crônica, conferências proferidas, ilustrações, lista dos professores da Escola (Catedráticos, interinos, contratados, assistentes de ensino, instrutores e funcionários administrativos) noticiário com informações sobre concursos, posses, matrículas, cursos, discurso de colação de grau. Havia também publicação de folhetos, provas dos professores que disputavam às cátedras.

Autoritarista” e no “Liberalismo Pedagógico”. Na sua defesa sobre o “Liberalismo Pedagógico”, ela explicita as relações entre o educador e o educando:

O educador, usando de autoridade, deve, antes de tudo compreender, que esta não lhe é conferida por comodismo, mas para facilitar sua ação em face dos educandos. O fim último visado é o bem do educando, não o do educador, compete pois o professor buscar despertar nos alunos o valor objetivo das normas. (EMERENCIANO, 1957, p.35)

A autora, além de trazer uma reflexão teórica sobre disciplina escolar, usa como estratégia a descrição do funcionamento da disciplina em sala de aula numa perspectiva ‘liberal’, enfatizando a “participação” do educando na aula:

Uma aula é naturalmente uma sessão de estudo, o que requer participação, dinamismo, não apatia, acomodação pacífica do aluno, inércia. Requerer pacífica e inerte presença dos discípulos não é ter classe disciplinada, mas classe amedrontada, inibida e ansiosa por uma conclusão rápida de tantas palavras ressoando desordenadamente nos seus ouvidos. O dinamismo do ser humano, sobretudo criança ou adolescente, não pode ser suprimido; não se pode pôr um dique, impedindo a mobilidade constitutiva da mente humana, do mesmo modo, não se pode eliminar a capacidade de crítica e o poder de elaborá-la dentro de sua concepção de mundo e vida. (EMERENCIANO, 1957, p. 36-37)

No ensaio de Frederico Rocha (1957, p. 87-90) *Uma observação de Pedagogia*, o autor apresenta “Dewey” como “autoridade incontestada da Pedagogia”, cita outros estudiosos como “Freud” e “Pavlov”. “Descobertas científicas” que podem tornar a Pedagogia mais eficiente. Rocha (1957, p. 87-90) mostra uma preocupação com “a realidade pedagógica nordestina” que “constitui um fenômeno de desvinculamento com as necessidades da região. Processo emprestado e deficiente onde a advertência do sábio Jonh Dewey tem profunda observância: “Cultura emprestada não é cultura”. Para ele, estudos já feitos são o “retrato fiel da sociedade nordestina” (*Casa Grande e Senzala (1933)* de Gilberto Freyre, *Os Sertões (1902)* de Euclides da Cunha). A poesia *Minha Escola*⁴ de Ascenso Ferreira também traduz “os sentimentos populares” da realidade pedagógica nordestina. Em contraposição ao que acontece na educação do Nordeste, Rocha afirma que nos tempos atuais o professor é o “amigo, o cooperador, o complemento do estudante”; o estudo “decorado, passou a ser desprezado”; “a aprendizagem deve ser vivenciada”.

4 “A escola que eu frequentava era cheio de grades como as prisões. E o meu mestre carrancudo como um dicionário; Complicado como as matemáticas; Inacessível como Os Lusíadas de Camões. E mais adiante diz: Basta! Hoje temos sabatina – O argumento é o bolo! – Qual a distância da terra ao sol?!! Não sabe? Passe a mão à palmatória! Bem, amanhã quero isso de cor”.

Os autores da Revista Doxa indicam algumas práticas na educação: os estudos científicos devem embasar a pedagogia e a realidade pedagógica nordestina, que está à parte de uma prática educacional que seja vivenciada.

Porém, se estas reflexões sobre educação estavam presentes, de certa forma, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras através de alunos e professores, outros que também compunham a faculdade, como monsenhores e padres traziam outras práticas nos seus discursos.

O professor monsenhor Francisco Salles é um exemplo. Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, foi eleito em 1956, “por quase unanimidade” entre os professores. Seu discurso no ato de posse é dirigido aos professores, funcionários e ao “que há de mais expressivo nas ciências e letras – a presença de sua excelência revma o Sr. Arcebispo [...]”. O professor monsenhor cita várias frases em latim e demonstra a “posição dos santos padres frente à falsa filosofia” utilizando as “memoráveis Cartas e Encíclicas” para justificar os males da “falsa filosofia”. (SALLES, 1956, p. 3-9)

Em 1958, no discurso de colação de grau, Antônio Sales da Silva⁵ inicia citando salmo e no decorrer do discurso reporta-se aos ensinamentos de Salomão e Davi, faz várias citações em latim e reporta-se aos estudos do *Tratado de Pedagogia* do monsenhor Pedro Anísio. No momento que o aluno explica “A educação através dos tempos”, vai tentar mostrar que a educação tem “uma íntima relação de parentesco” com a religião. Na história apresentada, essa relação toma contornos importantes “com o advento do Cristianismo” que modifica as instituições e os costumes. Para concluir e fazer valer sua ‘verdade’ diante de seus pares, o aluno diz: “rejeitemos, por considerarmos cediços e perigosos os princípios da chamada ‘Pedagogia nova’ ou ‘Pedagogia negativa’. Esta se orienta, exclusivamente, à base da trilogia – atividade, espontaneidade e interesse.” (SILVA, 1958, p. 71-81).

A próxima publicação da Doxa vem com o estudo de Aridete da Mota Silveira, de didática: *A missão do mestre através da história*. A autora demonstra as várias intenções do “mestre” através da história. Num dos momentos ressalta a “pedagogia cristã primitiva” dizendo: “apesar de não constituir propriamente um sistema pedagógico, tem o Cristianismo um caráter essencialmente educativo”. E complementa: “foi o próprio fundador da nova doutrina Jesus Cristo considerado ‘Mestre dos Mestres’, por seus apóstolos e discípulos. É

5 Provavelmente discente, pois ao se dirigir aos presentes reporta-se ao reitor, monsenhor, professores e “prezados colegas”. O autor diz também na p. 80: “após três anos de estudos na Faculdade, a nossa mente [...]”.

uma educação sem escolas [...]”. A autora, para indicar os vários momentos do mestre, consulta uma bibliografia na área de História e História da Educação⁶, assim como *Pedagogie Scientifique, la découverte de l'enfant* de Maria Montessori (1870-1952). O fato é que, ao falar do papel do mestre no mundo contemporâneo, a autora indica a “escola nova”, na qual “o aluno desempenha o principal papel. O mestre contemporâneo é mais um amigo e orientador do que um ‘magister’ dogmático e medieval”. Professor, seja do primário, secundário ou universitário, deve: “despertar nos seus discípulos a arte de se educar” (SILVEIRA, 1958, p. 9-23).

É nesta mesma publicação da Doxa que é apresentada a palestra baseada na pesquisa feita por Paulo Rosas: *A escola confessional em Pernambuco*⁷. Rosas (ROSAS, 1958, p. 67), chama atenção para uma educação “adaptável à região”, mas principalmente para a necessidade de uma educação confessional nos vários níveis de ensino.

Mas os debates sobre uma base religiosa ou não na educação não ocorrem só na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Pernambuco. A Escola de Belas Artes, através do concurso para Cátedra de Filosofia da Educação, disputada entre os professores Maria do Carmo Tavares de Miranda e o professor Paulo Reglus Neves Freire, também se reportam às práticas discursivas que refletem esta disputa na educação.

ENSINO CONFSSIONAL X ENSINO CIENTÍFICO, SOCIOLÓGICO, FILOSÓFICO, LAICO.

A professora Maria do Carmo de Miranda, em sua “tese do concurso” para Cátedra de História e Filosofia da Educação, publicado em 1965, informa na apresentação: “Saliento que as referências bíblicas, são tomadas de acordo com a divisão e numeração dos livros da Bíblia Hebraica”. Neste momento o texto é prefaciado por Frei Romeu Peréa, da Ordem Carmelita, assinando 6/08/61, “Dia da Transfiguração do Senhor”⁸.

6 “História da Educação e da Pedagogia – Lorenzo Luzuriaga; História da Educação – Paulo Monroe; Noções da História da Educação – Theobaldo Miranda dos Santos; História Universal – Césare Cantú; História da Civilização Ocidental – Burns; História Universal – Antônio G. Mattoso”.

7 A palestra foi pronunciada a seis de setembro de 1958 no curso sobre “Problemas de Política e Administração Escolares no Nordeste” do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife.

8 Segundo os ensinamentos bíblicos é o dia que caracteriza o evento em que Jesus Cristo aparece para seus discípulos depois de sua crucificação.

O objetivo da “tese” da autora (MIRANDA, 1965, p. 21) é “inquirir a contribuição do povo hebreu para nós. Contribuição de Israel que revelou a história do mundo.” E continua afirmando sobre seu estudo: “Nosso estudo se limitará, portanto, a indagar de sua formação, de sua educação, procurando elucidar alguns de seus traços mais salientes. Impossível, mesmo que pudéssemos abrangê-los em sua totalidade, tal a riqueza e a densidade de suas experiências”.

Já o professor Paulo Freire desde 1957 participava de debates no Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, dirigido por Gilberto Freyre e organizado por Anísio Teixeira diretor do INEP. Na introdução de sua “tese de concurso” diz:

Ao escolhermos o tema de nosso trabalho, não tivemos a pretensão de esgotá-lo. Por outro lado, a ele não nos inclinamos ingenuamente, julgando-o fácil de ser estudado. Sabíamos-lo, pelo contrário, não só complexo, mas até certo ponto, perigoso, precisamente pela atualidade. Pelas divergências conceituais que suscita. Pelas posições opostas decorrentes dessas próprias divergências conceituais (FREIRE, 2003, p.9 grifo nosso).

O próprio professor já anuncia o “perigo”, bem como os motivos desse perigo, em especial “pela atualidade”. A tentativa de conciliar algumas opções tão “opostas” é uma estratégia para demonstrar as possibilidades de diferentes “teorias” que podem servir a um ‘bem maior’, a educação, bem como indicar o alcance do seu ‘saber’ e seu domínio em conhecer e habilidade em unir percepções tão diferentes.

O candidato prossegue explicitando que não é “dono” do trabalho, as dimensões que traz reflete o que está sendo debatido por “pensadores brasileiros”:

A ele também não fomos ou a ele chegamos, com ares de ‘donos’. É aspecto que vem sendo debatido ora direta, ora indiretamente, em algumas de suas dimensões, por sociólogos, educadores, economistas e pensadores brasileiros, em estudos, muitos dos quais, objetivos e lúcidos. (FREIRE, 2003, p.9)

São esses “pensadores” que Paulo Freire vai citar, dialogar, discutir. São para eles e aqueles interessados nas suas maneiras de ver a educação para quem o professor vai se dirigir ao escrever sobre a “Educação e Atualidade Brasileira”, seus pares. Pares que não estavam na “ordem discursiva” (FOUCAULT, 2009a) da Universidade do Recife. Pares, inclusive, que estavam em disputa com instituições religiosas, pois queriam um ensino desvinculado com a religião, uma educação laica, pertencente ao Estado.

Enquanto isso, Maria do Carmo cita, dialoga, discute com a Bíblia Hebraica. É a Deus, a Cristo e “a educação do seu povo” que ela refere-se. É para os seguidores de uma educação cristã que a professora escreve: padres, monsenhores, frei, bispos e fiéis, professores e alunos que defendiam uma educação baseada nos princípios cristãos, provavelmente contrários a esta ameaça de “perda” de poder da Igreja Católica, através de um ensino laico.

Miranda (1965, p.22), em nota de rodapé, cita um trabalho apresentado, *Este tão problemático homem*, à III Assembléia Geral da ABESC, Rio de Janeiro em 1959⁹. Afirma a autora:

Seguindo a temática da Assembléia Geral que era a do estudo dos documentos pontifícios de Pio XII, nós nos propusemos a um querer-saber radical sobre o homem dentro do pensamento da Igreja. Estudo sobre o homem levando em conta o estado existencial deste ser e de seu posto no universo. Uma interrogação onto-teológica, e passamos então, à análise do homem como criatura de Deus, ser ab-alio. Homem como imagem de Deus.

A autora, na sua “tese de concurso” confirma suas inclinações diante da opção de uma “educação religiosa”. Sua estratégia é conciliar os ensinamentos bíblicos aos ensinamentos pedagógicos. Indicando que Deus e seu filho Jesus Cristo, através dos profetas e discípulos, dos exemplos trazidos nas parábolas, conseguiram, mesmo sem possuir um “ensino organizado”, fazer uma “Pedagogia” através “do tempo e da história”. (MIRANDA, 1965)

A candidata utiliza tanto os livros dos profetas do Velho Testamento, quanto os evangelhos dos discípulos do Novo Testamento. Tenta conciliá-los, mostrando a importância de ambos nos ensinamentos. São esses ensinamentos e a demonstração de seu domínio sobre estes ensinamentos, “exemplos ou tipos” retirados dos livros e evangelhos da Bíblia, que Maria do Carmo usa para provocar efeitos entre seus avaliadores (MIRANDA, 1965).

“Em Abraão nós experimentamos esta pedagogia”. Através de Abraão, sua obediência, sua preocupação com o outro, seu exemplo em seguir o “verbo de Deus”, bem como ajudar os outros a seguirem este verbo, demonstrou uma “pedagogia da fé e da obediência”. Já que é esta fé em Deus que fará com que Ele venha cumprir sua promessa antes feita a Abraão (MIRANDA, 1965, p. 54-55). Já Moisés terá outra função, a de “pedagogo”, de “educador”, pois na condução do povo de Israel para libertação

9 Disponível no Anuário Faculdade de Filosofia do Recife, vol. 3, p. 61-75.

do Egito ensinou no deserto através da palavra, na prática, quem é Deus. Este é o tema da “peregrinação”.

O tema da “conversão”, indicado por Miranda (1965), envolve a “justiça/lei”, a “verdade”, o “amor” e o “esperar”. São estas orientações necessárias e fundamentais para que estejamos convertidos, para que aceitemos a palavra de Deus. É através da conversão baseada nestes princípios que podemos identificar o povo de Israel na função de educando/aluno.

O tempo que se baseia a candidata é linear, progressivo e indicado por Deus. Uma história que inicia com Gênesis, uma “linhagem abraâmica” e termina com atenção ao futuro, pois as profecias anunciam algo que há de vir. O povo retratado é o povo de Israel, povo exemplar, povo que ‘somos herdeiros’, povo de Deus, povo que está sendo “educado”, através da palavra.

É recurso de a professora recorrer, do início ao fim da sua tese, a palavras e expressões em latim e hebraico¹⁰, acompanhado de tradução, indicando sua erudição, seu domínio sobre as línguas recorrentes nos documentos bíblicos.

Por fim, a candidata termina sua tese de concurso através de todos os recursos apresentados, mostrando que há uma relação estreita entre a Pedagogia e a religião.

Paulo Freire usará outras práticas na sua tese. Os estudos ‘atuais’. Traz os estudos de Anísio Teixeira, elogiando-o como “um dos mais lúcidos educadores brasileiros atuais” (FREIRE, 2003, p.12), bem como reflexões do ‘pioneiro’ Fernando Azevedo. Na introdução e no capítulo II da sua “tese de concurso”, Freire (2003) utiliza o livro *Educação não é privilégio*, de Anísio Teixeira, que chama de “mestre”, ressaltando as ideias de uma renovação política na educação, que seja estável e dispersa para atender¹¹ as necessidades da região e da localidade. Citando a reflexão de Anísio Teixeira sobre a escola, reproduz:

Está claro que essa escola, nacional por excelência, a escola da formação do brasileiro, não pode ser uma escola imposta pelo centro, mas o produto das condições locais e regionais, planejada, feita e realizada sob medida,

10 A professora também utilizará a língua grega.

11 Mesmo de maneira pouco profunda, Afonso Celso Scocuglia, em *A história das ideias de Paulo Freire*, associará o pensamento Freireano aos expoentes da Escola Nova. (SCOCUGLIA, 1999, p. 42)

para a cultura da região, diversificada, assim nos seus meios e recursos, embora uma nos objetivos e aspirações comuns. (TEIXEIRA apud FREIRE, 2003, p. 13)¹².

No capítulo III ao referir-se ao “grande problema de nossa educação atual”, Freire (2003, p. 79) diz que “é o de sua inadequacidade com o clima cultural que vem se alongando e tende a se alongar a todo país”. E continua: “Daí a sua inorganicidade. A sua ineficiência, contra quem vem se levantando “criticamente”, conscientes, os Anísio Teixeira, os Fernando de Azevedo, os Lourenço Filho, os Almeida Júnior, os Faria Gois, os Artur Rios, os Roberto Moreira, para só citar estes”.

Algumas vezes mais, Freire remete-se a Anísio Teixeira e alguns seguidores do Manifesto dos Pioneiros. Numa delas, retoma as questões de uma educação direcionada a cultura do local. Freire (2003, p.84), após citar Anísio Teixeira, comenta: “o seu enraizamento nas condições locais e regionais, sem esquecer os aspectos nacionais, é que possibilitará o seu trabalho de identificar seu educando com o seu tempo e seu espaço”. Uma educação voltada para as necessidades das condições locais e regionais, como anunciam os Pioneiros e Anísio Teixeira.

O candidato Paulo Freire usa como recurso para provar que é possível uma educação relacionada às condições locais, sua ‘experiência’ na zona paroquial de Casa Amarela (círculos de pais e professores com “diálogo” de problemas como a merenda escolar, etc.). O professor ‘mostra’ que conhece os problemas locais e que tem ‘propostas’ para reformulação da educação. Aspectos necessários para a ciência sociológica que serve de base para educação. A sociologia *aplicada* é projeto tanto dos isebianos quanto de Gilberto Freyre. O próprio Gilberto Freyre (1957b, p.40) falava de uma sociologia aplicada para as professoras, no “Sermão sociológico” (sociologia que não deve ser só científica, mas “aplicada”, na qual o sociólogo deve analisar, mas também propor sugestões). O regionalismo freyreano será utilizado também para indicar a ‘a realidade nordestina’. Reproduzindo as críticas de Freyre em *Sobrados e Mucambos*, Paulo Freire retrata a falta de experiência democrática no Recife, em especial pelo processo de “europeização” e “reuropeização” que atingiu a cultura brasileira. Para falar sobre esta inexperiência pelo restante do Brasil, o candidato reporta-se aos estudos de historiadores como Caio Prado Jr, Nelson Werneck Sodré, Oliveira Viana e Antonil.

12 Paulo Freire usa a edição de 1957 do livro Educação não é privilégio. Na edição de 2007a, este comentário de Anísio Teixeira está na p.68.

Ao eleger educadores como os “criticamente conscientes”, Freire está os inserindo no conceito da “consciência ingênua” e da “consciência crítica”¹³ trazida pelos isebianos Álvaro Vieira Pinto, Guerreiro Ramos, Hélio Jaguaribe e pelo sociólogo Karl Manheim. Paulo Freire trabalha o conceito de intransitividade da consciência (limitação de apreensão), transitividade ingênua (simplicidade na argumentação de problemas) e transitividade crítica (tomada de consciência provocada por uma educação dialogal e ativa); são os estágios da consciência quem tem como alvo o povo que necessita superar suas “alienações”. (FREIRE, 1983; FREIRE, 2003)

O conceito central do Instituto Superior de Estudos Brasileiros – 1955 - (ISEB) é a consciência crítica, consciência ingênua e alienação. A consciência crítica virá quando a nação superar todas as suas alienações, seria a “tomada de consciência”. Os estudos de Caio Navarro de Toledo¹⁴ (1978): *ISEB, Fábrica de Ideologias*, diz que em 1955 os “intelectuais” desejosos de contribuir com o social, tentaram constituir neste instituto um pensamento brasileiro independente e consciente. Uma ideologia nacional (como motor da história que faltava para promover o desenvolvimento social), que alcança importante proeminência e fornece bases teóricas para diversas correntes¹⁵. Toledo (1978), ao analisar o ISEB, diz que mesmo tendo importantes bases filosóficas, a tentativa de construir um pensamento autêntico e sua condição (instituto mantido pelo governo) tornava suas idéias pouco sólidas, deixando de constituir uma ciência do social e constituindo sim uma “fábrica de ideologias”, uma ideologização. Pensamento sempre orientado pelo lema “reforma de base” e “disposto” oferecer ao governo suas formulações. (PÉCAUT, 1990). São estas questões do ISEB anunciadas na “tese de concurso” de Freire: consciência da realidade e propostas para reformas.

13 Afonso Celso Scocuglia, ao comparar as ideias de Freire trazidas em *Educação como Prática da Liberdade com Educação e Atualidade Brasileira* e outros textos anteriores, diz que: “no entanto, encontramos em *Educação como Prática da Liberdade* um conjunto de reflexões que mostram certa evolução em relação aos posicionamentos anteriores citados. Embora presente, a forte influência do ISEB tende a diminuir”. (SCOCUGLIA, 1999, p.53). Vanilda Paiva diz que a aproximação de Freire com os jovens católicos a partir de 1960 vai causar algumas modificações em seus escritos: “Isso reflete na substituição de grande parte das citações dos “isebianos históricos” em seu trabalho de 1959 por indicações de Consciência e realidade nacional, em 1965”. (PAIVA, p.77) Freire muda dos “isebianos históricos” para o texto de Vieira Pinto, até porque, segundo Paiva (175, 176) é este autor que mais enfoca as questões educacionais. A autora vai indicar as páginas e as citações que Freire altera.

14 A partir dos trabalhos editados sob a chancela do próprio instituto, o autor, procura entender como o ISEB, ou melhor, a “Fábrica de Ideologias” se constituiu. Dessa forma o autor mostra as semelhanças, as contradições e as ambigüidades existentes no próprio grupo, fazendo uma análise detalhada de como estes intelectuais pensaram.

15 O ISEB promoveu cursos, conferências, seminários de estudos, pesquisas que participaram os públicos mais variados possíveis: militares, do governo, parlamentares, líderes sindicais, professores, estudantes. Fazia parte do conselho curador e consultivo do ISEB o sociólogo Gilberto Freyre.

Sobre o Catolicismo indicado por Paulo Freire na sua “tese” ao trazer Jaques Maritain e sua ‘relação’ com o Catolicismo Francês, sua adesão ao catolicismo só ocorrerá depois de 1960 (PAIVA, 2000). O que ele apresenta na sua “tese de concurso” como “católico” é inexpressivo diante dos vínculos religião e pedagogia apresentado por Maria do Carmo Tavares de Miranda em sua tese¹⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Michel Foucault (2007; 2009a; 2009b) nos diz que poder é aquilo que se quer, que se deseja, aquilo que não está só restrito às condições econômicas. É nesta dimensão que compreendemos os debates, as palestras, as teses de concurso e as conferências que estavam presentes na Universidade do Recife entre os anos 1957-1961. Entendemos também que ao desmontarmos as revistas e as teses de concurso consultadas, como também nos orienta Foucault (2009b), buscamos entendê-los como acontecimentos discursivos, levando em consideração uma série de regras que já estavam instituídas nos discursos trabalhados.

Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Recife, as regras discursivas indicam que a instituição religiosa vai estar presente nos discursos dos monsenhores, padres, professores, alunos que defendem uma educação com bases no que a Igreja Católica nos ensinou. Inclusive os termos utilizados para desconstruir o discurso instituído de uma educação proposta pelos pioneiros e principalmente por Anísio Teixeira, deixa explícito a disputa do poder entre aqueles que defendem uma educação confessional.

Por outro lado, nesta mesma faculdade, professores e alunos enfatizam a necessidade de uma educação científica, com bases na sociologia e na filosofia, trazendo os princípios ressaltados tantas vezes pelos Pioneiros em Manifesto (1932) e pelos Educadores também em Manifesto (1959).

Mas um dos momentos mais significativos entre esta disputa de poder está no concurso para Cátedra de Filosofia da Educação da Escola de Belas Artes. Disputa esta que por um lado culminou na posse da professora de Maria do Carmo Tavares de Miranda, ganhadora do concurso como catedrática, e por outro Paulo Freire, que perdeu o concurso e desenvolveu futuros trabalhos vinculados ao Serviço de Extensão Cultural (SEC).

¹⁶Vanilda Paiva diz que a adesão de Paulo Freire “ao catolicismo progressista ocorre nos anos 60”. E completa: “No entanto foi sua condição de tradutor pedagógico do Concílio que lhe deu notoriedade e vida longa” (PAIVA, 2000, P. 26). Já no exílio quando escreve Educação como prática da liberdade, o próprio Paulo Freire (1983, p.58) cita a Mater et Magistra enunciada por João XXIII.

Suas práticas discursivas vão ressaltar outras já instituídas. Maria do Carmo traz a Bíblia, que representa as inclinações da Igreja Católica de um ensino confessional. Paulo Freire traz os pioneiros, principalmente Anísio Teixeira e Fernando Azevedo; os defensores da ciência, da filosofia, da sociologia na educação, da realidade regional, como Gilberto Freyre por exemplo. Optar por trazer em seus discursos estas práticas é afirmar suas opções diante de uma banca examinadora, diante de um debate travado nacionalmente, diante de uma educação que há anos tentava se desvencilhar do ensino confessional. O resultado do concurso revela as prioridades da educação na Universidade do Recife: a educação confessional.

Maria do Carmo, ao vencer o concurso, indica que as práticas na Universidade naquele momento estão voltadas a defender o ensino confessional, com bases na religião cristã. Já Paulo Freire, como apresenta em sua tese de concurso as bases de uma educação científica, sociológica, filosófica, já instituída por educadores como Anísio Teixeira, não consegue fazer valer sua “tese” diante da Universidade do Recife.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Pe. Joaquim. Discurso de Colação de Grau. *Doxa*. Recife, v.10, n.10, jan. 1962

A BÍBLIA Sagrada. Contendo o Velho e o Novo Testamento. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil. (tradução: João Ferreira de Almeida).

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional.

BRASIL. Projeto n.º 2.222 B/57. Projeto que fixa as diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <www.camara.gov.br>. Acesso em: jun. 2011.

BIBLIOTECA Virtual Anísio Teixeira. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/midia.htm>>. Acesso em: mar. 2011.

CORREIO DO POVO. Nova manifestação de D. Vicente Scherer. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 18 mai. 1958. In: BIBLIOTECA Virtual Anísio Teixeira Disponível em:<<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/midia.htm>>. Acesso em: mar. 2011.

EMERENCIANO, Maria do Socorro Jordão. Considerações sobre a disciplina escolar. *Doxa*. Recife, v.2, n.4, jul. 1957.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Grall, 2007.

_____. *A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 18 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009a.

_____. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009b.

- FREIRE, Paulo. *Educação e Atualidade Brasileira*. 3. ed. São Paulo : Cortez, 2003.
- FREYRE, Gilberto. Palavras às professoras rurais do Nordeste. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, vol. 28, n.68, 1957b.
- FREYRE, Gilberto. Sugestões para uma nova política no Brasil: A urbana. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, vol. 27, n.65, jan./mar. 1957a.
- MANIFESTO DOS PIONEIROS. 1932. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4707.pdf>>. Acesso em mar. 2011.
- MANIFESTO DOS EDUCADORES. 1959. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4707.pdf>>. Acesso em mar. 2011.
- MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. *Pedagogia do tempo e da história*. Recife: Imprensa Universitária, 1965.
- PAIVA, Vanilda. *Paulo Freire e o nacionalismo-desenvolvimentista*. São Paulo: Grall, 2000.
- REVISTA DA ESCOLA DE BELAS ARTES. Recife: Universidade do Recife. v.5, n.1, jan. 1961.
- ROCHA, Frederico. Uma observação da Pedagogia. *Doxa*. Recife, v.2, n.4, jul. 1957.
- ROSAS, Paulo. A escola confessional em Pernambuco. *Doxa*. Recife, v.4, n.7, dez. 1958.
- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: Entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.
- SALLES, Monsenhor Francisco. Discurso de Ato de posse como diretor da Faculdade de Filosofia de Pernambuco em 10 de setembro de 1956. *Doxa*. Recife, v.2, n.3, dez. 1956.
- SILVEIRA, Aridete Mota da. A missão do mestre através da História. *Doxa*. Recife, v.4, n.7, dez. 1958.
- SUCUPIRA, Newton. Da Faculdade de Filosofia à Faculdade de Educação: Recife/Universidade Federal do Recife. *Estudos Universitários*, v. 9, n. 2, abr./jun. 1969.
- TEIXEIRA, Anísio Spínola. *Educação não é privilégio*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007a.
- _____. *Educação para Democracia. Introdução à Administração Educacional*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007b.
- TOLEDO, Caio Navarro de. *ISEB: Fábrica de Ideologias*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1978.